



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

SAMUEL PAULINO DOS SANTOS RIBEIRO

**A NOÇÃO DE ARTE NA "INTRODUÇÃO" DOS 'CURSOS DE ESTÉTICA' DE
HEGEL**

**CAMPINA GRANDE
2019**

SAMUEL PAULINO DOS SANTOS RIBEIRO

**A NOÇÃO DE ARTE NA "INTRODUÇÃO" DOS 'CURSOS DE ESTÉTICA' DE
HEGEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R484n Ribeiro, Samuel Paulino dos Santos.
A noção de arte na "introdução" dos 'cursos de estética' de Hegel [manuscrito] / Samuel Paulino dos Santos Ribeiro. - 2019.
20 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda. , Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Filosofia alemã. 2. Estética. 3. Teoria estética. 4. Belo artístico. 5. Arte. I. Título

21. ed. CDD 193

SAMUEL PAULINO DOS SANTOS RIBEIRO

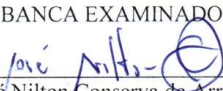
A NOÇÃO DE ARTE NA "INTRODUÇÃO" DOS 'CURSOS DE ESTÉTICA' DE
HEGEL

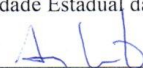
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura plena em Filosofia,
da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção do
grau de Licenciatura em Filosofia.

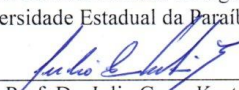
Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de
Arruda.

Aprovado em: 20/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A tarefa e finalidade da arte é trazer ao nosso sentido, ao nosso sentimento e entusiasmo tudo o que possui um lugar no espírito humano. (...) despertar e avivar as impressões, as inclinações adormecidas de todo tipo; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir -desenvolvido ou não- tudo o que o ânimo humano possa ter, experimentar e produzir em seu ser mais íntimo e secreto; permitir que os homens possam sentir o que pode mover e excitar o peito humano em sua profundidade e em suas múltiplas possibilidades e aspectos.

- HEGEL -

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	6
2.0 DESENVOLVIMENTO.....	7
2.1 O QUE É ESTÉTICA NA ACEPTÃO HEGELIANA.....	7
2.1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2.1.2 A DIALÉTICA HEGELIANA COMO CHAVE DO SEU SISTEMA FILOSÓFICO.....	7
2.1.3 DEFINIÇÃO ESTÉTICA NA PERSPECIVA HEGELIANA.....	9
2.1.3.1 A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO DA OBRA DE ARTE.....	9
2.1.4 A IMPOSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DA ARTE E DO BELO SEM A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO.....	11
2.1.4.1 O HOMEM, A ARTE E O BELO COMO MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO	11
2.1.4.2 MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO NA ESTÉTICA DE HEGEL.....	12
2.2. A CONCEPÇÃO HEGELIANA DE ARTE.....	13
2.2.1 NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA ARTE EM HEGEL.....	13
2.2.2. AS TRÊS CONCEPÇÕES DE ARTES NOS CURSOS DE ESTÉTICA.....	15
2.2.2.1 DEFINIÇÃO DA ARTE CLÁSSICA.....	15
2.2.2.2. A ARTE CLÁSSICA.....	16
2.2.2.3. O QUE É A ARTE ROMÂNTICA.....	17
3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
4.0 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	18

RESUMO

Objetiva-se com essa pesquisa compreender as noções fundamentais hegeliana acerca da arte. Para tal, focaremos na “Introdução” da obra Cursos de Estética, neste livro, retirado dos cursos ministrados na Alemanha. Na Introdução, Hegel já dá noções fundamentais e amplos de sua teoria Estética, que tem como objeto o Belo. O Belo Artístico, que nos interessa, ele excluirá, segundo consta, não de forma arbitrária, o Belo Natural. Para este filósofo, é na arte que temos uma maneira única de manifestação do espírito na história. Assim, compreende que exista na história objetiva da arte uma representação geral, suficiente para mostrar as relações que a arte apresentará historicamente, a partir dos conceitos e o lado material da arte. Por isso, ele dirá que a essência da arte consistirá nas íntimas relações entre o conteúdo e a forma que lhe é mais adequada. A arte é a busca do espírito por liberdade que o leva a realizações mais conscientes, em suma, e forma concreta e figurativa a arte revela a verdade existente no espírito, e em último grau, segundo Hegel, expressa o melhor do divino.

Palavras-chave: Introdução. Cursos de Estética. Belo Artístico Hegel. Arte.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand the fundamental Hegelian notions about art. To this end, we will focus on the “Introduction” of the book Aesthetics Courses in this book, taken from the courses taught in Germany. In the Introduction, Hegel already gives fundamental and broad notions of his Aesthetic theory, which has as its object the Beautiful. Beautiful Artistic, which interests us, it will exclude, as it appears, not arbitrarily, the Beautiful Natural. For this philosopher, it is in art that we have a unique way of manifestation of the spirit in history. Thus, it understands that there is in the objective history of art a general representation, sufficient to show the relations that art will present historically, from the concepts and the material side of art. Therefore, he will say that the essence of art will consist of the intimate relations between the content and the form that best suits it. Art is the pursuit of the spirit for freedom that leads to more conscious realizations, in short, and in a concrete and figurative way art reveals the truth that exists in the spirit, and ultimately, according to Hegel, expresses the best of the divine.

Keywords: Introduction; Aesthetics Courses; Beautiful Artistic Hegel; Art

1.0 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho consistirá em compreender as noções fundamentais hegeliana acerca da obra de arte. Desta maneira, pretende-se contemplar a Introdução dos seus Cursos de Estética I, como suporte norteador e eixo delimitador da estrutura de nossa pesquisa. A sua Introdução nos lança ideias pilares de sua visão estética, como coloca definições importantes para compreender o que é a arte em seu sistema de pensamento.

Segundo Hegel, a Estética tem como objeto de estudo – entre outros – o Belo, este terá algumas ramificações como o Belo Artístico e o Belo Natural, aquele é fortemente importante para nossa definição de arte, enquanto este, é excluído, pelo próprio Hegel, não de forma arbitrária, como segundo consta o mesmo nos seus cursos de estética.

Um dos pontos importantes para compreender essa exclusão e a sua definição de belo artístico, é que para ele, temos na arte uma maneira particular de manifestação do espírito na história. Desta maneira, perceberá que na história objetiva da arte uma representação geral, suficiente para mostrar as relações que a arte apresenta historicamente seu lado material e conceitual.

Desta forma, este pensador nos dirá, que a essência da arte está na relação íntima entre o conceito e a forma que lhe é mais adequada. A arte, na sua visão, é a busca do espírito por liberdade que leva o humano a realizar interesses mais conscientes do espírito de modo. De maneira concreta e figurada a arte revela a verdade existente no espírito, em último grau, expressa o divino.

Para Hegel, a finalidade da arte é exteriorizar o sensível do espírito, um meio de conscientizar-se, ou melhor, analisando a história, perceberá que a arte foi um mecanismo que o ser humano souber lançar suas acepções mais elevadas. A arte era definida como ato ou efeito de manifestação do Espírito Absoluto presente em cada ser humano, o que faz com que algo exista ou aconteça em sua autonomia e liberdade.

Dito isso, para podermos ter uma primeira definição das afirmativas anteriores, a arte como atividade de exteriorização sensível do espírito, tendo o sujeito como responsável, é também, responsável pela própria criação da arte. São por essas razões, que reconhece o belo artístico superior ao belo natural, por ser um produto do espírito que, superior ao belo natural, manifesta esta elevação aos seus produtos, incluindo a arte.

Dentro desses pressupostos, Hegel desenvolverá uma crítica a noção do Iluminismo no tocante a cópia. A arte para ele chegou ao fim, em última análise, a arte morreu! Ela não apresenta mais os interesses de outrora, seria coisa do passado. A sua proposição magnânima é colocar a arte como produto humano e nunca natural. É o caminho possível de despertar na consciência a verdade presente no espírito, e essa consciência gerada no sujeito é o caminho para o domínio da arte, sua racionalização, isto é, uma apreensão do belo artístico pela nossa mente. Como estamos percebendo, o caminho proposto por Hegel, destina-se a uma Racionalização do Belo Artístico. Sua investigação estética, trata-se, portanto, de uma união entre Sensibilidade e Razão, onde os sujeitos e objetos são aspectos do próprio sujeito, enquanto nele mesmo, ou seja, consciente ao longo da história. Paralelamente a sua definição de arte e história da arte, buscaremos compreender o seu sentido sobre a liberdade.

Hegel tem a arte como meio para decifrar os acontecimentos mais importantes da humanidade, sua defesa está na arte possuindo um fim em si mesma. Neste sentido, o que este pensador salienta, é que o sujeito consciente atinge o absoluto porque ele é espírito e comente o espírito é a verdade, assim, o sujeito e o absoluto andam juntos. Por essas razões que a arte consegue manifestar a verdade de modo concreto e figurado, para tal, Hegel usa a história da arte, a saber: Simbólica, Clássica e a forma Romântica.

A natureza não demonstra valor investigativo, segundo o filósofo, seria desprovida de liberdade e por essa razão, só o espírito é livre. A arte livre é uma ideia no ‘campo’ sensível,

por isso, o sol neste caso é muito mais necessário do que belo. Isso é uma consciência enquanto consciência nesse objeto. É a partir da experiência que o espírito supera as contradições que lhes são submetidas no decorrer da história, desta maneira, a arte só revela o que já está contida no espírito.

Em suma, o belo natural é percebido como um reflexo do espírito, necessário a natureza e não visto como belo. Não apresentará aqui, nem para o próprio Hegel no curso de estética, um interesse investigativo, pois uma infinidade lato sensu de adjetivos belos acabaria embargando o caminho da investigação acerca da estética e principalmente do que é a arte. Para Hegel, o belo artístico interessa mais a filosofia por participar, como já explanado, do espírito, portanto, da verdade. Assim, tudo que provém do espírito será superior ao natural, por isso que na introdução de seu curso sobre estética, ele delimitará a obra à filosofia, a estética ciência do belo.

2.0 DESENVOLVIMENTO

2.1 O QUE É ESTÉTICA NA ACEPTÃO HEGELIANA

2.1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Estética segundo Hegel é aquilo que emerge das formas particulares de arte na história da arte. O Belo Artístico e o objeto escolhido pela filosofia e, dela exclui o belo natural. Estética é aqui uma filosofia do Belo e não dá natureza. Nessa perspectiva, o horizonte teórico do texto, está centrado na parte introdutória dos seus cursos sobre a estética ministrados em Berlim e, que foi compilado por alunos e ouvintes. Visando que na parte introdutória dos seus cursos, sobre a estética e, mais especificamente, compreendida nas cem primeiras páginas, Hegel apresenta o Plano geral da sua estética. O nosso está baseado na seguinte subdivisão: 1. primeiramente o texto analisa as relações entre o belo Artístico e o belo Natural. 2. logo em seguida o texto discorre sobre o conceito hegeliano da emancipação da ideia absoluta na arte. 3. E finalmente centra-se na discussão acerca das formas particulares de obras de arte. Tal proposta está guiada na seguinte reflexão: qual o sentido da arte em Hegel?

Segundo Hegel o belo Artístico é a unidade imediata do conceito, uma fusão entre o racional e o sensível, onde o sujeito em si, é sujeito e objeto. A estética é aqui entendida, então, como uma filosofia do belo. A estética é nessa compreensão um capítulo necessário no conjunto da própria filosofia. Direciona a arte, por ser entendida, como abstrata e além disso, para Hegel, só o espírito é o verdadeiro e excluindo o belo natural da estética. Assim, como perceberemos posteriormente, a arte é entendida como uma emancipação da ideia absoluta e as formas particulares (arte simbólica, clássica e romântica), não por ser por vias da imitação e sim o espírito percebido como um entendimento concreto.

2.1.2 A DIALÉTICA HEGELIANA COMO CHAVE DO SEU SISTEMA FILOSÓFICO

Na Fenomenologia do Espírito, desenvolvida em 1807, poderemos compreender vastas definições do sistema hegeliano, um dele seria a sua Dialética, método esse essencial para captar as suas concepções filosóficas. Logo a frente, veremos umas de suas célebres passagens na obra supracitada, que não será nosso eixo norteador fundamental, mas um auxílio memorável para chegarmos a definição de arte na *Introdução*, nossa meta, dos seus *Cursos de Estética*.

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida

faz delas momentos de unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la – ou mantê-la livre – de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários (HEGEL, 2014, p.24).¹

Definir a sua dialética como "Método" é questionável, pois, nas suas palavras, na Enciclopédia das Ciências Filosóficas, nos afirma que "o momento dialético é o próprio supressão (aufheben) de tais determinações finitas e seu ultrapassar para suas opostas". (HEGEL, 1995, p.162), sendo, assim, a "própria natureza, verdadeira natureza das coisas (...) a realidade é em si dialética". (KOJÈVE, 2002, p. 36).² Desta maneira, essa palavra-chave, "aufheben", terá três definições centrais salientadas por Inwood como "elevação", "abolição e/ou anulação" e "preservação".³

Portanto, a Dialética é um 'movimento' onde, simplificado por Tese, Antítese e Síntese, são a "contradição e oposição que existe na realidade anterior. Através do movimento dialético essas realidades se deduzem por necessidade, sendo composta por três unidades: Afirmção, Negação, e Negação da Negação."⁴

Este processo não é nem estritamente histórico e nem lógico, mas uma combinação das duas coisas. No entanto, esta é apenas uma breve seção da Fenomenologia, que em sua totalidade caracteriza o desenvolvimento do espírito desde seu primeiro aparecimento como espíritos individuais, conscientes, mas não autoconscientes ou livres até o Espírito como unidade livre e autoconsciente, e pode-se dizer que Hegel procura "mostrar que a história é o progresso do Espírito por um caminho logicamente necessário, caminho que ele precisa trilhar para alcançar seu objetivo final" (SINGER, 2003, p.26-27).⁵

Outra passagem importante hegeliana para entendimento geral da sua definição dialética, seria a clássica relação entre o 'senhor e o escravo', descrita na sua quarta passagem da Fenomenologia do Espírito⁶, Neta passagem, Hegel, relata a relação senhor X escravo manifestada por uma 'força' denominada 'desejo', assim, "incorporamos um objeto, do qual nos dará a sensação temporária e instável de nossa autoidentidade, porém esta sensação logo em seguida é interrompida pelo desejo novamente." (SOUZA, 2018, p. 05). Desta maneira:

(...) Na luta, uma se rende para salvar a vida – e se torna escravo. A outra, emerge como autêntico ser-para-si: é o senhor. O senhor desfruta dos bens; o escravo os produz. (...) O senhor é uma potência destrutiva, porque pelo desejo consome o que o escravo produz, e assim vive dependente dele. E como só chega à certeza de si mesmo através de uma consciência dependente, sua verdade é a consciência escrava, na medida em que essa vive no trabalho um processo de formação (Bildung): os papéis se invertem, possibilitando o reconhecimento mútuo.⁷

¹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich .Fenomenologia do Espírito. 9. ed. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Machado. Petrópolis: Vozes, 2014

²KOJÈVE, Alexandre. Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

³ INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 302

⁴ SOUZA, R.; et al. HEGEL E O "FIM DA ARTE". In, Revista Seminário de História da Arte, Vol. 01, Nº 07, 2018, p. 03. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/13502/8272> Acessado dia 29 de Setembro de 2019.

⁵ IDEM, p. 04.

⁶HEGEL, 2014, p.142-151.

⁷MENESES, Paulo. Hegel & a Fenomenologia do Espírito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003, p.31-32.

A necessidade de falar da dialética está nesta ser seu norte de sua reflexão filosófica, conjuntamente com as noções históricas. Mas quando se fala em Hegel, uma questão fundamental sobre o Fim da arte, surge nas suas escritas. Aprofundaremos no capítulo sobre a arte, mas fica necessário definir sua noção e fim a partir destas explicações da dialética. Para Hegel, 'fim' não indica apenas encerramento, fechamento, morte ou término. Como bem esclarecido nas palavras de Meneses (anteriormente citado), percebemos que sua visão não é reta, cronológica e linearmente definida, mas sua definição dialética é um autorreferente e ou círculo que sai do 'em-si' ao 'para-si'. Portanto, Werle nos define mais claramente essa definição dialética do 'Fim':

O fim é o desdobramento do início e o início coincide com o fim numa relação de dependência recíproca: o em-si é reconhecido como em-si somente no para-si e o para-si torna-se consciente somente como para-si do em-si, sendo um para o outro [für-ein-Anderes], ou seja, há um terceiro como mediação. Ora, se é assim, o fim já está no início, ou seja, desde os tempos antigos a arte já exprime de modo latente seu fim. Cada passagem de uma forma para a outra é a expressão de um fim. Da mesma maneira, o fim é o fim do início, não de uma outra coisa ou algo como um fim de si mesmo. Ele é antes um desenvolvimento permitido somente pelo início.⁸ (Werle, 2011, p.50).

2.1.3 DEFINIÇÃO ESTÉTICA NA PERSPECIVA HEGELIANA

2.1.3.1 A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO DA OBRA DE ARTE

Os cursos de estética desenvolvidos por Hegel, iniciaram no ano de 1818 em Heidelberg e depois passa a ser proferido em Berlim que teve uma duração de quase uma década - 1820 a 1829. Vale salientar que Heinrich G. Hotho (1802-1873), um aluno de Hegel, foi responsável por reunir e copilar tais materiais que deram origem aos quatro livros que compõem os *Cursos de Estética*. Neles, Hegel consolida uma visão especulativa forte na estética, na verdade, ao pensar as conciliações entre os fenômenos sensíveis da arte com os processos históricos e da natureza.

Para tal, investiga vários tipos de obras artísticas e suas ideias centrais, mas, entre as obras de arte, perceberá na poética, “a arte universal do espírito tornado livre em si mesmo e que não está preso ao material exterior e sensível para a sua realização, que se anuncia apenas no espaço e no tempo interior das representações e dos sentimentos.”⁹ Isto é, coloca a poesia como manifestações artísticas superior ou um nível acima das demais, por isso continua suas palavras da seguinte maneira, “ultrapassa a si mesma, na medida em que abandona o elemento da sensibilização reconciliada do espírito, e da poesia da representação passa para a prosa do pensamento”.¹⁰

Gonçalves¹¹ salientará, que a definição de arte em Hegel deve ser percebida a partir de dois vieses, um, no qual, se alicerça na concepção do espírito que na medida da sua evolução supera e eleva-se sobre o puro natural. Já que as noções estéticas hegelianas contemplam o belo artístico e não o belo natural, pois está em segundo plano. Para melhor compreensão, Hegel define estas ideias da seguinte maneira:

A arte, para as intuições a serem produzidas por ela, necessita não só de um material exterior dado, a que também pertencem às imagens e representações subjetivas, mas, para a expressão do conteúdo espiritual, [precisa] também das formas dadas pela

⁸ WERLE, Marco Aurélio. A questão do fim da arte em Hegel. São Paulo: Hedra, 2011, p. 05.

⁹ HEGEL, G. Cursos de Estética. 2. Ed. Tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 102.

¹⁰ IDEM.

¹¹ GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira: O belo e o destino: uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Loyola, 2001.

natureza quanto à sua significação que a arte deve pressentir e possuir. Entre as configurações, a humana é a mais alta e verdadeira, porque somente nela o espírito pode ter sua corporeidade e assim sua expressão contemplável. Com isso se rejeita o princípio da imitação da natureza na arte, a respeito do qual nenhum entendimento é possível com uma oposição tão abstrata; enquanto o [ser] natural for tomado apenas em sua exterioridade, não como forma natural rica-de-sentido, característica e significando o espírito.¹²

Entretanto, vale ressaltar que, para Hegel, natureza também é um conceito, visto que o espírito do homem é mediador das manifestações do espírito absoluto. Fazendo, por essas razões, a obra de arte ser superior à obra da natureza. Outro ponto fundamental, é perceber a história não somente como ligado a uma temporalidade, mas, no horizonte da geografia, pois esta evolução que ocorreu do leste para o oeste, aplica influências nas definições históricas, sociais, políticas e etc. Perceberemos, neste ponto, como a diversidade e estágios das manifestações artísticas fixaram-se na história. Hegel via o oriente como um dos percursos das artes.

Hegel na Introdução deixa claro que se trata, portanto, de uma "Filosofia das Belas artes", que não busca as formas da beleza e sim uma condição da sua necessidade/função na história.¹³ Visto que sua definição estética é por definição de conteúdo divino, mas este é:

[...] a espiritualidade que adquire imagem sensório-contemplativa na obra de arte que está essencialmente relacionada a uma mitologia e à sua compreensão do que são Deus e o mundo. A arte, como automanifestação do espírito, efetiva-se somente de forma histórica, e isso em três formas artísticas cuja sequência está vinculada a história mundial das religiões: simbólica ou arcaica, no que se refere ao mundo oriental, a clássica grega antiga e a romântica na modernidade (DÜSING, 2004, p. 109-11).¹⁴

Como perceberemos no capítulo posterior, as três vertentes de artes são representações do ideal, são "três formas da arte se afinar com as demandas espirituais do mundo e da cultura, para as quais a arte pretende ser significativa, das quais discorreremos a seguir."¹⁵ A seguir perceberemos em uma imagem ilustrativa do processo dialético hegeliano, partindo do processo histórico e debatida anteriormente.



Ilustração desenvolvida por Souza¹⁶

¹²HEGEL, G. Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. v.3., p. 342.

¹³HEGEL, 2001, p. 27.

¹⁴SOUZA, 2018, p. 08.

¹⁵IDEM.

¹⁶IBIDEM.

Para Hegel (2001), como esclarecido nos seus cursos de estética, percebia a arte, a filosofia e a religião como ação humana, que seria o suporte para guiar o sujeito a conhecer a verdade. Desta maneira, ele concebe a arte, na introdução, como uma atitude reflexiva que nos possibilita retirar considerações dela. Por isso, que seu sistema se resguarda em dois pontos na atitude científica: primeiro, devemos percebê-lo (determinado objeto) como existente; segundo, devemos identificar o que o torna (tal objeto) ser o que é.

Voltando para o universo da arte, essa premissa anterior seria da seguinte forma, a partir dos fenômenos artísticos, os sujeitos vão da análise mais simples às mais complexas (síntese) acerca das possibilidades existenciais no qual se encontram. Contando com os conceitos já predispostos, podemos entender a Estética hegeliana como:

[...] a ciência do sentido, ou da sensação, cujo objeto maior é a arte, que provoca efeitos e sensações diversos no espírito humano, a exemplo de: admiração, maravilhamento, temor, repulsa, raiva, compaixão, etc. Compreendemos que tais sensações revitalizam a capacidade humana de sentir, por meio da apreensão do objeto artístico, e podem ser significativas para amenizar os processos de anestesia social contemporânea.¹⁷

2.1.4 A IMPOSSIBILIDADE DA EXISTÊNCIA DA ARTE E DO BELO SEM A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO

2.1.4.1 O HOMEM, A ARTE E O BELO COMO MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO

A arte em Hegel (2001), como estamos percebendo, pressupõe um fim, como as demais manifestações do Espírito Absoluto, que seria ‘acordar’ e provocar os sentimentos e, por outro lado, direcionar aos sentidos. “Esse sentimento assumiria, pois, este aspecto particular, o sentido do belo”.¹⁸ E o sentido do belo está em apreender ou compreender o que são perceptíveis, sem abandonar os sentimentos imediatos que estão no belo independente da posição/lugar que se encontra. O alemão nos afirma da seguinte maneira:

Este sentido não seria inerente ao homem enquanto instintivo, como qualquer coisa que lhe fosse inseparável por natureza e adquirida com o nascimento, como, por exemplo, os órgãos, os olhos. Não, tratar-se-ia de um sentido que é preciso formar e que, uma vez formado, viria a consistir naquilo a que se chama gosto. Ter gosto é, pois, ter o sentimento, o sentido do belo; é uma apreensão que, sem sair do sentimento, passa por tal formação que descobre o belo imediatamente, qualquer que ele seja e onde quer que esteja. A teoria das belas-artes e das ciências do belo destina-se a formar o gosto, e tempo houve em que esteve muito em voga. Mas o gosto é um modo sensível de apreender o belo, adotando, para com ele, uma atitude sensível.¹⁹

Como o título nos sugere, não pode ter belo sem manifestação, por que, este é por definição da qualidade de obra de arte e por conseguinte é uma beleza concreta. Um dos objetivos gerais predisposto por Hegel na sua Introdução, está em demonstrar que a obra de arte nos desperta sensações agradáveis por vias da criação de formas com aparências da

¹⁷ CANDA, Cilene Nascimento. A Arte e a Estética em Hegel: Reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia* v. 03, n. 06, p.66-79, 2010, p. 68.

¹⁸ HEGEL, G. *Estética: A ideia e o ideal; o belo artístico ou o ideal*. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultura, 1999, p. 65. (Os Pensadores)

¹⁹ HEGEL, 1999, p. 65.

própria vida. Assim, em uma de suas passagens define as paixões despertadas em nós pela arte:

Todas as paixões, o amor; a alegria, a cólera, o ódio, a piedade, a angustia, o medo, o respeito, a admiração, o sentimento de honra, o amor da gloria etc., podem invadir a nossa alma por força das representações que recebemos da arte. Tem a arte o poder de obrigar a nossa alma a evocar e experimentar todos os sentimentos, resultado este em que com razão se vê a manifestação essencial do poder e da ação da arte, se não, como muitos pensam, o seu último fim.²⁰

Em suma, o alemão analisava a obra de arte, ao lado da filosofia e religião, como uma estrada que guiava o ser humano ao saber verdadeiro perante os sentidos do belo. Assim, a arte em sua lógica, terá sempre um fim, ao mesmo tempo que pertence a outras múltiplas manifestações do Espírito Absoluto, isto é, consisti em levar, como já debatido anteriormente, aos sentidos do belo.

2.1.4.2 MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO ABSOLUTO NA ESTÉTICA DE HEGEL

A Estética no período de Hegel, ainda estava no processo e consolidação como ciências, desde dos desdobramentos fundamentais de Baumgarten, mas era uma ciência, que detinha já um corpo fundamentado e profundamente debatido nos seus pouco séculos de atividade científica. Então, em busca de sua definição, como feito por outros filósofos de seus tempos e pouco antes como o Kant, a coloca como Ciência dos Sentidos, das Sensações que tem como objeto a Arte e essa, pensa o alemão nos gera múltiplas sensações e efeitos.

Partindo, então, do pressuposto até agora debatido, a arte é produto do espírito da humanidade, por isso que o belo é também um produto humano e por isso que o Belo/Arte está sobre a natureza.

O belo produzido pelo espírito é o objeto, a criação do espírito, e toda a criação do espírito é um objeto a que se não pode recusar dignidade. No cerne da nossa ciência, vamos, pois, estudar as relações entre o belo artístico e o belo natural, questão na verdade muito importante. Basta-me, por agora, afastar a acusação de arbitrariedade ao determinar que só é belo o que possui expressão artística, o que é criação do espírito, e que só enquanto relacionado com o espírito, ao natural se pode atribuir a beleza.²¹

O belo artístico será percebido como uma manifestação do Espírito Absoluto, pois a arte sendo uma manifestação deste espírito, tem como objetivo iniciar das representatividades sensíveis ao belo. Esse, no universo da arte, é superior ao natural (como já visto), mas tem atuações em primeiro momento com a liberdade que, segundo Hegel (2001), é nosso mais valioso bem. Pois, o conceito de arte é resultado da produção, da manifestação do espírito no exercício de sua liberdade.

O desenvolvimento da arte é, pois, como o de um mundo; o conteúdo, o objeto mesmo é representado pelo belo, e o verdadeiro conteúdo do belo não é senão o espírito. No centro encontra-se o espírito na sua verdade, o Espírito Absoluto como tal. Pode-se ainda dizer que esta região da verdade divina ofertada pela arte à contemplação intuitiva e ao sentimento, constitui o centro do mundo de toda a arte, centro representado pela figura divina, livre e independente, que completamente assimilou os aspectos exteriores da forma e da matéria transformando-os na perfeita manifestação de si própria.²²

²⁰HEGEL, 2001, p. 33.

²¹HEGEL, 1999, p. 28.

²²IDEM, p. 106.

Para Hegel (2001), na arte, seja no criar ou no contemplar, o ser humano detém significações e gera autoconsciência, ao mesmo tempo no qual fornece ou dá fundamentos às experiências estéticas vividas. O alemão, trouxe diversas definições para a autonomia da obra de arte, no tocante às suas maneiras de produções. Aqui vale salientar, o belo natural deste ser não tem liberdade em si mesma, pela razão de não possuir consciência de sua própria existência. Assim, a arte terá como definição ser uma atividade produtiva dos sujeitos, tem natureza social e almeja a nossa liberdade do pensar.

Por vias mais simples, a nossa sensibilidade se constitui a partir de nossas práticas com as vivências experienciadas. O belo será, segundo o filósofo, na proporção dos resultados da sensibilidade. Desta maneira:

a arte é produto da atividade humana que expressa o espiritual, o divino, para o homem, aos seus sentidos, atividade que não é uma mimese da natureza, mas expressão espiritual que a ultrapassa, (...) expressando a particularidade de um povo na universalidade, expressando uma necessidade racional, da exteriorização da individualidade para a universalidade, levando-a a intuição do outro, porém, é preciso considerar que embora seja correto afirmar que a arte seja expressão da livre racionalidade humana ela apresenta limitações diante de outras formas de manifestação do espírito na história.²³

2.2. A CONCEPÇÃO HEGELIANA DE ARTE

2.2.1 NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA ARTE EM HEGEL

No último tópico percebemos a estética como a ciência dos sentidos, tendo como objetivo uma aceção do belo, de uma harmonia ou uma atitude de expressividade dos sujeitos, de uma autoconsciência livre. Os alicerces do Espírito Absoluto são a Filosofia, a Arte e a Religião. Segundo Cruz (2016), “as representações artísticas estão próximas da religião e da filosofia, por participarem do Espírito Absoluto. Constata-se que a arte está ligada ao pensamento e reflexão,” pois, continua, “a apreensão da verdade se manifesta no momento da arte, que vai além do intelecto e do finito. Por meio da arte, o sujeito e o objeto penetram-se e constituem um todo.”²⁴

Desta maneira, para Hegel (2001), o belo artístico “por estar ligado à concepção de mundo e aos interesses humanos (religiosos, políticos, culturais), surge do esforço de satisfazer as necessidades superiores provenientes da consciência que pensa.”²⁵ Segue Hegel:

A superioridade do belo artístico provém da participação no espírito e, portanto, na verdade, se bem que aquilo que existe só exista pelo que lhe é superior, e só graças a esse superior é o que é e possui o que possui. Só o espírito é verdade. Só enquanto espiritualidade existe o que existe. O belo natural será, assim, um reflexo do espírito, pois só é belo enquanto participante do espírito, e dever-se-á conceber como um modo imperfeito do espírito, como um modo contido no espírito, como um modo privado de independência e subordinado ao espírito.²⁶

O belo natural, quando imita a natureza não expressará o íntimo da arte, entretanto, todas as ideias são ressignificadas enquanto concretas e sensíveis, pois são a constituição da

²³FRANÇA, Lincoln Menezes da. Estética e consciência infeliz na filosofia hegeliana. In, Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos, Ano 6, Nº 10, Junho, 109-121, 2009, p. 112.

²⁴CRUZ, A. Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana. In, Revista UNISAL, Lorena, Vol. 01, Num. 01, Projetos Itinerários Filosóficos, pp. 01 – 16, 2016, p. 12. Disponível em <http://www.revista.unisal.br/lo/index.php/itinerarios-filosoficos/article/view/900> Acesso em 05 de setembro de 2019

²⁵ IDEM.

²⁶ HEGEL, 1999, p. 28.

arte. Essa, em Hegel (2001), ganha um tom conciliador, pressuposta de uma totalidade livre, destes dois pontos: Representação e Ideia. A arte, nesta perspectiva, “participa do processo de iluminação, sendo uma das formas pelas quais o Absoluto se deixa tornar claro, elucidando para a consciência,”²⁷ segundo Werle (2009), “a função da arte consiste em seu ideal de exprimir os interesses do espírito; revelar o Absoluto: a arte é livre, a ideia que lhe dá existência, e sobretudo, vitalidade e eficácia”.²⁸

[...] o belo artístico foi reconhecido como um dos meios que resolve e reconduz a uma unidade aquela contraposição e contradição entre o espírito que repousa em si mesmo abstratamente e a natureza. [...] a filosofia kantiana sentiu este ponto de unificação em sua necessidade, como também o reconheceu e o representou de modo determinado.²⁹

A arte, no sentido de uma liberdade autêntica e fundamentada, é um modo de trazer à consciência os interesses do Espírito (*Geist*).³⁰ Desta maneira, o filósofo alemão destaca nos seus argumentos que a decência da obra de arte é justificável, pois, “expõe sensivelmente o que é superior e assim o aproxima da maneira de aparecer da natureza, dos sentidos e da sensação”.³¹

A beleza artística, com efeito, dirige-se aos sentidos, à sensação, a intuição, à imaginação, etc., pertence a esse domínio aparte do pensamento, e a compreensão da sua atividade e dos seus produtos exige, pois, um órgão diferente do pensamento científico. Além disso, o que fruímos da beleza artística é a liberdade das produções e das formas, como se pela criação e contemplação das obras de arte escapássemos aos entraves das regras e regulamentos; como se, fugindo ao rigor das leis e ao íntimo sombrio do pensamento, procurássemos a calma e a ação vivificante das obras de arte; como se trocássemos o reino das sombras a que preside a ideia pela serena e robusta realidade. Enfim, as obras de arte brotaram da atividade livre da imaginação, mais livre do que a da natureza. A arte não disporia apenas de toda a riqueza das formas naturais, de aparência infinitamente múltipla e variada, pois seria ainda capaz de, pela imaginação criadora, exteriorizar-se em intenções.³²

O Absoluto é representado a partir da definição de belo na arte, porquanto, “é por meio deste conceito que o espírito finito pode chegar gradativamente à aparência da arte, dando-se a conhecer e reconhecendo a partir de si seu reflexo.”³³ Assim, o belo na obra de arte, é uma luz que clareia sinalizando que uma “autêntica efetividade apenas pode ser encontrada além da imediatez da sensação e dos objetos exteriores”.³⁴ Na arte será enquanto atividade humana é uma “produção consciente de algo exterior que pode ser objeto de saber”.³⁵ Segundo Cruz (2016), “nisto é compreendida a arte como brilho sensível do Espírito Absoluto realizado pelo ser humano”.³⁶ Uma exemplificação hegeliana:

²⁷ CRUZ, 2016, p. 13.

²⁸ WERLE, M. A. “Subjetividade artística em Goethe e Hegel” In: Arte e filosofia no idealismo alemão, org. por Marco Aurélio Werle e Pedro Fernandes Galé, Barcarolla, São Paulo, 2009, p.175-190 WERLE, 2009, p. 181. Disponível em http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/ementas/2013-1/FLF5155_1_2013.pdf Acesso dia 01 de setembro de 2019

²⁹ HEGEL, 2001, p. 74.

³⁰ CRUZ, 2016, p. 13.

³¹ HEGEL, 2001, p. 32.

³² HEGEL, 1999, p. 36.

³³ CRUZ, 2016, p. 14.

³⁴ HEGEL, 2001, p. 33.

³⁵ IDEM, p. 49.

³⁶ CRUZ, 2016, 14.

uma paisagem apresentada com sentimento e conhecimento pela pintura, como obra do espírito, assume uma posição superior à paisagem meramente natural. Pois tudo o que é espiritual é melhor do que qualquer produto natural. Aliás, nenhum ser natural expõe ideais divinas, como a arte o faz.³⁷

Como percebemos, a obra de arte carrega em si, a potência de passar ao nosso pensar as necessidades do Espírito, alargando nele ideias da bela arte. Assim, Hegel (2001) definirá a beleza da arte como um meio determinado de manifestar e atuação do verdadeiro. Portanto, o Espírito Absoluto, “concebido como o Verdadeiro, evidencia-se nos próprios traços, forma e cores da arte. A beleza presente nele quer lumiar a partir da sua esfera por meio do fulgurante brilho do belo.”³⁸ Essas ações dos sujeitos refletem suas próprias identificações, no sentido da liberdade, ou seja, enquanto seres livres, já que:

o homem faz isso para também retirar o mundo exterior de sua rude-estranheza e para gozar, na forma das coisas, somente uma realidade exterior de si mesmo [...] a necessidade universal da arte é, pois, a necessidade racional que o ser humano tem de elevar a uma consciência espiritual o mundo interior e exterior, como se fora um objeto no qual ele reconhece o seu próprio si mesmo.³⁹

2.2.2. AS TRÊS CONCEPÇÕES DE ARTES NOS CURSOS DE ESTÉTICA

2.2.2.1 DEFINIÇÃO DA ARTE CLÁSSICA

Peter Singer, tem uma obra dedicada aos estudos dos sistemas especulativos hegelianos, nela aquele esboça uma visão sobre a interpretação da arte simbólica, ademais, acerca da definição do oriente "relacionados a concepção de que somente uma pessoa, mais precisamente o soberano, é realmente um indivíduo livre".⁴⁰ De outro modo, nos fala Souza (2018), "o princípio do conteúdo de uma consciência da liberdade que se inicia em um só, bem como a liberdade abstrata, individual, marcada por meio do arbítrio deste único indivíduo livre."⁴¹ Desta maneira, "a ligação entre a relação natural íntima e do que se refere a estar inserido no que é objetual como um conteúdo insuficiente em liberdade se manifesta no panteísmo da natureza e na arte simbólica que surge nesse mundo".⁴²

Hegel define o símbolo da seguinte maneira, uma existência exterior imediatamente “presente ou dada para a intuição, a qual, porém não deve ser tomada do modo como se apresenta de imediato, por causa dela mesma, mas deve ser compreendida num sentido mais amplo e universal”,⁴³ distinguindo as suas expressões e significados. Continua o filósofo, "no que se refere ao significado, este é definido pelo autor como uma representação ou objeto, independente do conteúdo, enquanto a expressão seria uma existência sensível ou uma imagem, qualquer que seja."⁴⁴

³⁷ HEGEL, 2001, p. 51.

³⁸ CRUZ, 2016, p. 15.

³⁹ HEGEL, 2001, p. 53.

⁴⁰ SINGER, P. Hegel. São Paulo: Loyola, 2003, p.24.

⁴¹ SOUZA, 2018, p. 08.

⁴² IDEM, p. 09.

⁴³ HEGEL, 2001, p. 26

⁴⁴ IDEM.

O conteúdo não precisa necessariamente ser abstrato, como a força de um leão ou a astúcia de uma raposa, mas pode ser um conteúdo concreto, possuindo mais uma vez qualidades peculiares, diferentes da primeira propriedade que constitui o significado de seu símbolo e das constituições peculiares restantes desta forma.⁴⁵

Portanto, Hegel almeja consolidar diferenciações de suas noções da arte simbólica em detrimento as definições do romantismo de sua época. Assim, ele nos fala que, no 'estágio' da arte simbólica passar para a Arte Clássica (aqui o espírito emancipará do particular):

[...] o que agora é levado à intuição como forma simbólica é uma configuração gerada pela arte, a qual por um lado deve representar a si mesma na sua peculiaridade, por outro lado, porém, deve manifestar não apenas este objeto singularizado, mas um significado universal ulterior a ser ligado a esta configuração e a ser reconhecido nela, de modo que estas formas permanecem aí como tarefas, as quais estabelecem a exigência de ser decifrado o interior que nelas foi introduzido.⁴⁶

2.2.2.2. A ARTE CLÁSSICA

O império persa - representando o mundo oriental - havia possibilidades pra o surgimento da consciência de liberdade, mas o império não cedia espaço para surgimento de tal estrutura. A exigência de Xerxes (518 - 465 a.c.) aos gregos para reconhecer-lhe como soberano fora recusada, assim, ocorrera o confronto conhecido como "batalha do salamis". A derrota persa muda o quadro da história, derrota do universo despótico e transição para as cidades estados/polis gregas, neste momento ainda não se encontra a noção de liberdade individual consolidada.

Conforme Souza (2018)⁴⁷, o ideal estético é atingido enquanto artes clássicas, onde o "divino agora é entendido apenas como consciência-de-si individual, idealizado a partir da imagem humana purificada de casualidades, tornando-se expressão sensorial do espiritual". Hegel descreverá o desenvolvimento dos gregos em alguns níveis: sendo número I - o estágio do vir-a-ser da individualidade real; II - sua dependência e prosperidade na vitória sobre o exterior; e o III - decadência e queda.⁴⁸ O filósofo colocará no segundo estágio os períodos de criação das artes gregas, tanto a epopeia, mitológico, esculturas e arte trágica.

[...] Em primeiro lugar, há a manifestação estética da formação ou da determinação da individualidade por meio do processo de idealização do natural, manifesto na mitologia. Em segundo, há a manifestação bela ou ideal da individualidade por meio da escultura, como unidade harmônica entre seu conteúdo espiritual ou divino e sua forma sensível. Em terceiro lugar, com a poesia épica, surge a manifestação estética da individualidade ética que, em sua unidade imediata com o espírito do povo, realiza um processo de expansão deste espírito por meio da expressão da luta e do domínio do povo grego sobre terra estrangeiras, que vem acompanhada da representação exterior do destino. Em quarto lugar, a poesia trágica é, em certo sentido, a manifestação estética da reação contra essa expansão do espírito do povo narrada pela epopeia, como expressão de um processo de interiorização e subjetivação da individualidade, apresentado, em parte, pela busca de um saber de si e pela afirmação da vontade própria, e que constitui a suprassunção tanto da

⁴⁵ IBIDEM, p. 27.

⁴⁶ HEGEL, 2001, p. 42.

⁴⁷ SOUZA, 2018, p. 11.

⁴⁸ HEGEL, 2001, p. 244.

representação exterior do destino, quanto do conceito estático ou plástico da beleza.⁴⁹

Para Hegel, nas artes, as obras de arte, influenciadas nisto, emanam da mutação da natureza na expressividade do espírito que tornam-se um na manifestação do espírito no sensível. Assim, este filósofo perceberá que “ponto central da arte é constituído pela união, que é fechada em si mesma para a totalidade livre, entre o conteúdo e a forma simplesmente adequada a ele”.⁵⁰ Segundo Hegel (2001), a arte trágica marca no seu processo a supressão da maneira politeísta e caminhando para um culto monoteísta, pela razão dos heróis ganharem figuras centrais com aspectos humanoides e/ou divinos.

Vale salientar, que a escultura, segundo o pensador alemão, representa a forma de arte clássica no estágio mais ímpio. Pois, "dentre todas as formações da arte, a figura humana plasticamente formada significa para o filósofo a mais elevada de todas, alcançando sua determinação suprema".⁵¹ Desta forma, conclui Hegel, “a arte clássica foi a exposição do ideal mais adequada ao conceito, a completude do reino da beleza. Algo mais belo não pode haver e não haverá mais.”

2.2.2.3. O QUE É A ARTE ROMÂNTICA

Por fim, temos a arte romântica, que para Hegel, marcado pelos processos do século XIX, é representado pelo universo alemão, segundo Peter Singer, a principal “razão para isso é que ele considera a reforma protestante como o acontecimento-chave da história para essa transição à época moderna, que foi iniciada pelo monge alemão Martinho Lutero (1483 – 1546) e só criou raízes no solo das nações germânicas”.⁵²

Hegel concebe que na produção de arte, a transição do período moderno é simbolizada pela disseminação do cristianismo no mundo e não por via da estética. Já que este pensador, “explica o cristianismo como a aparição histórica da subjetividade infinita na compreensão dos seres humanos, e por isso também a arte, que detendo o divino como conteúdo, molda o mundo dos sentimentos religiosos que têm permanência interna, ocorrendo principalmente nas obras de pintores, músicos e poetas.”⁵³ Desta forma, mesmo com toda influencia cristã no romantismo e oposto ao que ocorria na antiguidade (mistura de religião e arte), começa a surgir temáticas antropocêntricas e laicas.

Aqui, começa-se a valorizar o indivíduo naquilo que o distingue de outro. E o que distingue é sua situação social, sua sensibilidade específica desenvolvida num certo âmbito nacional e em outros elementos particularizantes. Assim, na medida em que é salientado o papel dos matizes particulares, o valor passa a recair no peculiar, naquilo que diferencia uma pessoa de outra, uma nação de outra, ou seja, na individualidade. No caso dos grupos nacionais, por exemplo, homens como Herder, Hamann, ambos pré-românticos, viam-nos como sendo todos bons, mas diferentes, devendo manter tais especificidades, porque assim podiam entrar como um instrumento à parte no concerto geral da humanidade. Essa maneira de ver converteu-se sem dúvida alguma no fundamento da concepção propriamente romântica, que procura discernir as dessemelhanças entre os povos, destacando-as de cada conjunto, sem que de um modo geral e direto isso implique em enforque

⁴⁹ GONÇALVES, M. O belo e o destino: uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Loyola, 2001, p. 117-118.

⁵⁰ HEGEL, 2001, p. 157.

⁵¹ SOUZA, 2018, p. 12.

⁵² SINGER, 2003, p. 33.

⁵³ SOUZA, 2018, p. 13.

negativo, deformador ou preconceituoso em relação a outros grupos, pois justamente a diferença singularizadora é que torna a existência e a contribuição de cada organismo nacional um componente único e complementar no processo humano.⁵⁴ (ROSENFELD; GUINSBURG, 2018, p.7).

3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos, a partir da Introdução dos Cursos de Estética, conseguimos um caminho para uma definição de Arte no sistema hegeliano. Hegel é considerado um idealista especulativo, e seu marco inicial não se encontra no Espírito ou na matéria. A ideia especulativa na sua visão não contempla um a priori. Assim, “começo é a relação ou o que é, é o que veio a ser e o que aparece predominantemente ou como o Espírito ou como a matéria não é senão o que já tem em si o outro ou o seu outro”.⁵⁵ Portanto, a arte é, para o alemão, uma relação conciliadora entre razão e sensibilidade, uma não atua sem ter noção de si por intermédio do outro. Desta maneira a “arte especulativa é a que marcada pelo sensível não deixa de conter em si o inteligível, pois ela já é uma síntese de múltiplas determinações ou o resultado do que culmina na sua configuração histórica.”⁵⁶

Para Hegel cada época expressou o que foi possível de realizar enquanto manifestação artística, ela é a consciência destes períodos, mas não é o máximo de consciência possível. O sensível, por sua vez, também, não é o todo para compreender ou expressar alguma coisa, porém, é possível perceber alguma coisa lançada em tese. Na verdade, para o filósofo, o todo só é possível posterior às coisas sensíveis, mesmo com o esse e/ou passando por este. Desta maneira, “a verdade de algo, afirma Hegel, precisa atingir o conceito, isto é, precisa ser apreendida na ideia, pois é aí que o todo se realiza. O sensível evita que se caia numa universalidade vazia e que se julgue perder nas escolhas que limitam.”⁵⁷

A arte, em Hegel, na proporção ao qual é fase do sensível, “representa um perder do Espírito pela forma e pelo conteúdo que aí assume. Sem esse ‘perde-se’, o Espírito não consegue se encontrar plenamente”.⁵⁸ Porém, devemos consagrar que a arte, em Hegel, não é o estágio final do Espírito, tão pouco será um entendimento melhor/superior da nossa realidade, ela, a arte, “não é momento que possa ser desprezado sob pena do Espírito não ter conseguir ser tudo em tudo, nem de reconciliar os diferentes momentos em sua totalidade.”⁵⁹ Por fim, os filósofos compreendem a realidade, diz o pensador, entretanto, o artista vê a realidade e isso também é uma compreensão, pois os sentidos de ver algo nos pressupõe reconhecer o que está sendo percebido, para podermos tomar como visualizado. Portanto, na medida em que o artista vê algo também entende.

4.0 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CANDA, C. **A Arte e a Estética em Hegel: Reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana.** Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia v. 03, n. 06, p.66-79, 2010.

⁵⁴ ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, Jacó. Classicismo e Romantismo. In, Teses Abertas, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ., pp. 01-26, 2018, p. 07. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812337_2012_cap_2.pdf. Acesso em 05 de Setembro de 2019

⁵⁵ NOVELLI, P. A importância da arte no sistema filosófico de Hegel. In, Revista SABERES, Natal – RN, vol. 1, num.7, jun., p. 70-86, 2012, p. 84. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/saberessaber/article/view/1918> Acesso em 06 de setembro de 2019

⁵⁶ IDEM, p. 85.

⁵⁷ IBIDEM, p. 85.

⁵⁸ IBIDEM.

⁵⁹ IBIDEM.

CRUZ, A. **Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana**. In, Revista UNISAL, Lorena, Vol. 01, Num. 01, Projetos Itinerários Filosóficos, pp. 01 – 16, 2016. Disponível em <http://www.revista.unisal.br/lo/index.php/itinerarios-filosoficos/article/view/900> Acesso em 05 de setembro de 2019

FRANÇA, L. **Estética e consciência infeliz na filosofia hegeliana**. In, Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos, Ano 6, Nº 10, Junho, 109-121, 2009.

GONÇALVES, M. **O belo e o destino: uma introdução à filosofia de Hegel**. São Paulo: Loyola, 2001.

HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. 9. ed. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Machado. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Cursos de Estética**. 2. Ed. Tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: 1830**. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Estética: A ideia e o ideal; o belo artístico ou o ideal**. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultura, 1999. (Os Pensadores)

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

MENESES, P. **Hegel & a Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.31-32.

NOVELLI, P. **A importância da arte no sistema filosófico de Hegel**. In, Revista SABERES, Natal – RN, vol. 1, num.7, jun., p. 70-86, 2012, p. 84. Disponível em <http://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/1918> Acesso em 06 de setembro de 2019

SINGER, P. Hegel. São Paulo: Loyola, 2003.

SOUZA, R.; et al. **Hegel e o fim da arte**. In, Revista Seminário de História da Arte, Vol. 01, Nº 07, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/13502/8272> Acessado dia 29 de Setembro de 2019

ROSENFELD, A.; et al. **Classicismo e Romantismo**. In, Teses Abertas, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ., pp. 01-26, 2018, p. 07. Disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812337_2012_cap_2.pdf. Acesso em 05 de Setembro de 2019

WERLE, M. **A questão do fim da arte em Hegel**. São Paulo: Hedra, 2011.

_____. Subjetividade artística em Goethe e Hegel. In, Arte e filosofia no idealismo alemão, org. por Marco Aurélio Werle e Pedro Fernandes Galé, Barcarolla, São Paulo, 2009, p.175-190 WERLE, 2009. Disponível em <http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filo>

sofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/ementas/2013-1/FLF5155_1_2013.pdf Acesso dia 01 de setembro de 2019